

A transitória igualdade e a incerta diferença¹

Cleuza Mara Lourenço Perrini,² Curitiba

Resumo: Viva a igualdade, entoamos com vigor, muitas vezes calcado em uma moralidade que ainda é endossada por defesas maníacas de um discurso narcísico. Nossa função, na clínica, é de promover ressignificações e possíveis elaborações que colaborem para descomprimir a psique de absolutismos morais rígidos quando a diferença, sentida como ameaça, encarcera a possibilidade do novo, da criação e da expansão da mente. A não aceitação das diferenças, em qualquer área da vida, concorre para a confirmação da rejeição humana à incompletude, dor narcísica nunca curada, como se o conflito fosse sempre indesejável e não fonte de criação.

Palavras-chave: igualdade, diferença, moralismo, rejeição, incompletude

*Já vivi bastante para ver
que a diferença gera ódio...*
(Stendhal, 1830/2021, p. 231)

Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?
- Deixe-me, senhora.
- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.
- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha.
- Mas você é orgulhosa.

1 Trabalho apresentado em 22/6/2024 na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

2 Psicanalista, membro efetivo, docente e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro fundador e efetivo com função didática da Sociedade Provisória de Psicanálise de Curitiba (SPPC).

– Decerto que sou. Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

– Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

– Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados... diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: – Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

(Assis, 1994, texto resumido)

A experiência mais pungente que temos, crucial para o desenvolvimento do ser psíquico, é nos depararmos com a existência do outro, separado e diferente. Na tradução de um dos últimos escritos de Freud, “Análise terminável e interminável” (1937/2018), publicada pela Companhia das Letras, ele circunscreve o trânsito presente no trabalho analítico entre a igualdade idealizada e a diferença aclamada, mas temida. Nesse trabalho, Freud registra o ponto em comum vivido pelo homem e pela mulher, a “rejeição” ao feminino, e me debruço mais atentamente sobre as palavras assinaladas na seguinte frase: “*Não obstante a diferença de conteúdo, há obvias correspondências. Algo que é comum aos dois sexos foi obrigado, pela diferença dos sexos, a adotar outra forma de expressão*”. (1937/2018, p. 322, grifos meus).

Como assim? *Obstante a diferença e foi obrigado, pela diferença?*

É essa a intenção? O sinônimo de obstante é o que atravança, embaraça e impede. Assim, a palavra “obstante” está aí por que é empregada para sugerir o que a diferença provoca? Como na guerra travada

entre a agulha e a linha, quem é a melhor? E a epígrafe de Stendhal, será que a diferença gera ódio?

Para eliminar o conflito almejamos a igualdade e eliminamos as diferenças?

Costumeiramente vemos as diferenças como opostos e não como complementares. Realmente o diferente nos incomoda, pois nos apresenta a incompletude como no apólogo que mostra que é a linha quem vai ao baile. Se a diferença for inconciliável, acionam-se fantasias de onipotência em prol de um idílio em que a busca por “igualdade de direitos” con(funde), cria a ilusão de que é o outro que atravanca o nosso caminho. E isso, muitas vezes, é expresso com desprezo, tal como as palavras do professor: “eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!”

Viva a igualdade, entoamos, então, com vigor, calcados em uma moralidade que ainda é endossada por defesas maníacas de um discurso narcísico.

A preocupação moral é com os pares certo/errado, superior/inferior etc. A moralidade implica uma posse de verdade, alguém a possui, ela tem donos, construtores de crenças, *shibboleths*. É indissociável da causalidade. Está baseada em comparações, em modelos evolutivos, embriões de fanatismos, preconceitos e sofrimentos sem fim. A ética complexa trabalha com o vértice das diferenças, com a incomensurabilidade, com a incerteza, com a *indecibilidade*, com os modelos espectrais, com a cesuras, com as simetrias heterogêneas. (Trachtenberg, 2022, p. 44)

Os afetos emergentes se diferenciam gradativamente e sua conscientização é que permite apreendê-los e, quem sabe, neles interferir.

É justamente na diferença que nos constituímos. É na diferença que se concebe o amor e seus contraditórios, pois o outro passa a existir. Como lidamos com essa tensão? A rejeição seria então à diferença e não à submissão, como atribuído por Freud (1937/2018)? Ou vivida nos primórdios da identificação feminina primária como repulsa à má notícia “do desamparo [e] da morte” (Paim Filho, 2014, p. 4)? Seria para não nos atermos especificamente na diferença que delata nossa

abominável deficiência – de inacabados e insuficientes – na dinâmica representacional dos ditames vividos intra e intersubjetivamente? O conto nos aponta que sem a agulha a linha não vai ao baile! E sem a linha não há a construção de um vestido psíquico, de um tecido, de uma pele que cubra e contenha a vida mental – continente↔contido.

Já na tradução da *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, publicada pela Imago, a frase mencionada acima está assim: “Apesar da dessemelhança de seu conteúdo, há uma correspondência óbvia entre eles. Algo que ambos os sexos possuem em comum *foi forçado, pela diferença entre eles*, a formas diferentes de expressão” (1937/1996, p. 268, grifos meus). *Apesar* da diferença foi *forçado* a formas diferentes de expressão? É essa a intenção de Freud? Reparar e notar mais precisamente a diferença que nos incerta, mas que também nos permite o desenvolvimento?

Scarfone assinala que “Se Freud pudesse retomar a existência corporal hoje, ele ficaria surpreso ao encontrar sinais externos voltados não tanto a marcar a diferença entre os sexos, mas [de] torná-la menos nítida”. (2019, p. 114)

A questão que reflito neste trabalho não está relacionada às diferenças sexuais em si, mas recorro a elas por sua natureza explícita e por evocarem a reflexão sobre o conflito vivenciado, tanto interna quanto intersubjetivamente, diante do que é diferente, a fim de ampliar nosso olhar diante dessa recusa.

A igualdade x diferença e a desigualdade que nos iguala

*Somos igualmente diferentes,
a única desigualdade que nos iguala.*
(Brum, 2014, p. 104)

A *igualdade x diferença* e a *desigualdade que nos iguala* são elementos que me levaram a um momento de uma análise quando, logo após a apresentação de tese de doutorado de Gabriela, que não se sentia reconhecida pelos pais, esperava, com esse feito, “finalmente ser vista”.

Estávamos no terceiro ano da análise que tinha sido permeada, repetidamente, por fatos vividos na vida institucional de Gabriela, nas suas aulas, com seus alunos, carregada por certezas de que sua capacidade era fruto de pessoas competentes e habilidosas que a cercavam, e nada proveniente do seu talento para aproveitar as oportunidades que a vida lhe oferecia ou das que buscou com propriedade. Ela se diminuía o tempo todo – “sou uma burra de carga” – apontando sempre o exaustivo trabalho que assumia pelos outros, “sem reconhecimento” dos colegas.

A primeira coisa que ela disse naquele dia foi:

G – Missão cumprida.

De pronto me vem a mente, cumprida ou comprida? Aguardo e me recordo que ela não tem nem 40 anos e tinha acabado de defender a tese de conclusão de doutorado, um investimento tão trabalhoso que exigiu tanto dela.

Fez-se um longo silêncio. Aguardo sem ainda me dispor a falar, quando ela retoma.

G – Não entendo bem todos os elogios. Meu orientador até falou emocionado de todo o processo, do desenrolar exitoso do trabalho, de como eu soube trazer uma ideia nova a partir das respostas coletadas e estudadas. E os outros componentes da banca teceram considerações favoráveis. [mais um breve silêncio] Sabe? Estou até feliz... meu marido estava lá me auxiliando na projeção do material, minha mãe também foi e a via sorrindo emocionada... Mas eu fiz tudo sozinha, me virei sozinha...

Com o clima mais propício, flui em mim naturalmente o que opto por dizer:

A – Não fez nada mais que sua obrigação!

Para minha surpresa, ela responde imediatamente:

G – É!

Faz-se outro longo silêncio. Só que neste me sinto arremessada para longe, muito longe. No anterior estávamos em sintonia. Sinto que essa comunicação trazia algo singular no momento de nossa análise. Esse desconforto me mobiliza a falar:

A – Para onde você foiiii? Me leva juuunto?

G – *Nossa!* [surpreendida, como que despertando] *Fui longe mesmo... e me dou conta que estava presa sem conseguir sair daquele lugar...*

Novo silêncio se instaura e com a retomada da conexão entre nós, eu sentia, como ela, não estar fazendo ali nada mais do que a minha obrigação: ouvir os relatos diários da sua vida, sem vida. Aguardo. Passado mais um breve tempo, Gabriela me surpreende quando começa a contar, pausada e refletidamente que, desde pequena, a entrega do boletim aos seus pais era cercada por muita apreensão, pois esperava muito que eles reconhecessem sua capacidade. Afinal trazia notas 10 que compunham cada uma das matérias estudadas. Mas a reação do pai era sempre a mesma: *Não faz nada mais que sua obrigação!* Gabriela percebia que a mãe não concordava com a atitude do marido que, contrariada, dava apenas um sorriso amarelo. Pudemos conversar então o quanto ela continuava sendo fiel ao pai falecido, sem poder comemorar a conquista do doutorado com a mãe e seu sorriso emocionado, diante da “comprida” conquista, sem reconhecer que tinha defendido uma ideia original, motivo da aprovação – “com louvor” – de toda a banca.

Nesse momento faz-se novo silêncio. Gabriela volta a me surpreender, pois retoma rindo dizendo que essa tinha sido mesmo uma longa e penosa jornada... Pelo jeito, não tinha acabado, pois permanecia comprida para confirmar a tese de que ela não tinha ideias próprias para defender. E que eu complementei dizendo: sempre *deferente* aos pais... sem poder ser *diferente*.

Essa experiência favoreceu o encontro com suas partes não vividas e cindidas, uma vez que o momento analítico pôde ser contido. O analista pode tentar trazer o paciente para a vida, interferindo ao questionar sua autoimagem narcísica, tentando lhe mostrar a ilusão em que ele vive.

Percebo na clínica, como na vida extra-sala de análise, que o diferente contém um forte fator idealizado, bem como um agregado fator moral, que indica uma posição de inferioridade ou de superioridade. A linha e a agulha mostram esse combate pelo poder na disputa para saber

quem é o melhor e o mais sabido. Gabriela buscava ser a melhor, a mais trabalhadora e a mais estudiosa, que assumia tudo por si e por todos, caso contrário não seria reconhecida. Ela ainda não tinha condições de reconhecer a riqueza da diferença para não mais fazer deferências.

Como na epígrafe acima, podemos conjecturar que a recusa ocorre porque a diferença nos desconcerta, sendo a única desigualdade que, paradoxalmente, nos iguala?

A acirrada disputa em prol de um ilusório estado de rigor pode ter, como função, o afastamento de fantasmas da condição sentida como inferior, pois a elaboração do luto da plenitude narcísica foi perdida. Esse sentimento se encontra presente no final do conto de Machado de Assis quando o “professor de melancolia” se manifesta ressentido por ter “servido a muita linha ordinária”. Gabriela reconsiderou, com humor, que essa guerra pode se prolongar.

Em suma, uma busca por uma igualdade – de pensar e receber – que elimine a diferença. Nossa função na clínica é de promover ressignificações e possíveis elaborações que colaborem para descomprimir a psique de absolutismos morais rígidos quando a diferença, sentida como ameaça, encarcera a possibilidade do novo, da criação e da expansão da mente. Gabriela me fornece elementos ricos dessa dinâmica em que a diferença entre o pai e a mãe contribuiu para ser ela própria.

Justo a mim
me coube ser eu.
(Mafalda)

Quando essas questões ficam puristas, absolutistas, emergem sentimentos primitivos de rivalidade, incompetência e menos valia, promovidos por experiências primárias vividas de desintegração mais do que de integração, em detrimento da admiração e da competência. Estamos diante da frustração primeira com a alteridade que inaugura o desamparo/incompletude, do feminino em nós, como dito anteriormente, quando desprovidas de um continente que acolhe e, em sua

potência intrínseca, aceita o oculto “espaço interno”, o que propicia a vida mental intersubjetiva.

Winnicott (1953 e 1959) aponta que a falha ambiental é a principal causa da frustração, pois ultrapassa o limite do suportável pela psique do bebê. Considero que essa frustração persiste devido à busca insatisfeita pela plenitude narcísica, especialmente quando o outro (mãe-ambiente), ao não conseguir conter o sofrimento provocado pela alteridade, contribui para a recusa das diferenças, dificultando a constituição do psiquismo.

Em relação a essa falha, Levine aponta:

Se houver grave falta de sintonia, então a onipotência e a criatividade podem dar lugar à angústia de aniquilação e um colapso desintegrador que podem interromper a “continuidade de ser/existir”, dissociar a psique do soma e/ou levar a formas radicais de autocontenção que, em última análise, aliena a pessoa do contato com o mundo e seus objetos. (2021, p. 12)

Temos um pré-conceito depreciativo em relação à diferença, mesmo que ela esteja comumente presente na aceitação verbal, e/ou na teoria, é diferentemente vivida na prática. Costumamos procurar nossos iguais, no trabalho, na família, na comunidade que participamos. E consideramos nossos iguais em alta conta, até mesmo porque precisamos nos validar. Como, por exemplo, o adolescente que precisa encontrar sua turma de iguais para se diferenciar dos pais. Ou mesmo nós psicanalistas quando temos nossas instituições para legitimar nossos pensamentos e métodos para exercer a psicanálise. O que procuro apontar é que quando deixamos de ver as diferenças na igualdade e a igualdade nas diferenças, sem perceber sua transitoriedade e incerteza, ficamos com um prejuízo para a criação, para o novo que diferencia e une.

De alguns anos para cá resolvi ler artigos de jornais e periódicos de autores que pensam diferente de mim. Confesso ser um exercício que exige muito. No entanto, muitas vezes me surpreendo com a possibilidade de incluir no meu repertório alguns desses olhares, por apresentarem outro vértice que eu ainda não tinha levado em conta.

No trabalho analítico, contemplo, um acentuado movimento de banir a análise epistemológica em prol da análise ontológica, e um olhar que a considera a única forma de psicanálise. Eliminar a diferença também está presente nesse movimento, pois a recusa de que ambas possam conviver para alcançar um trabalho que possibilita a proximidade com nós mesmos. Esse movimento integrador se ajusta, como sugere Mafalda.

Ogden (2020) nos presta um valioso serviço ao discernir as duas formas de análise como coexistentes que se enriquecem mutuamente. Percebo, em algumas ocasiões, uma crítica entre colegas ao classificarem determinado trabalho como “terapia” (o que, de fato, muitas vezes é). No entanto, em outros contextos (ou sessões), essa mesma abordagem é discriminada como não analítica, sendo analisada de forma isolada. Entretanto, essa dimensão pode representar um momento essencial de acolhimento e significação, funcionando como parte do processo investigativo que favorece a construção de uma hipótese promotora de realização.

Na estruturação de um self é preciso descrever as experiências, a fim de constituir um mundo interno para depois se fazer alguma interpretação transferencial. É essencial reconhecer os sentimentos, compreender sua intensidade e saber diferenciá-los. A apropriação dessas emoções contribui para que as experiências emocionais adquiram maior profundidade e significado.

Na biografia sobre Fernando Pessoa (Zenith, 2022), Alberto Caieiro expressa melhor o que procuro transcrever:

O guardador de rebanhos

Sou um guardador de rebanhos.

O rebanho é os meus pensamentos

E os meus pensamentos são todos sensações.

Penso com os olhos e com os ouvidos

E com as mãos e os pés

E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la,
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
(p. 442)

Os sentimentos, até então indigestos e impensáveis, expulsos e/ou projetados, perderam sua configuração. Assim, o analista poderá recorrer ao seu próprio repertório onírico, relativo às suas experiências emocionais simbolizadas, com o que se equipou em sua própria análise pessoal, no convívio institucional, além das suas aquisições culturais (até mesmo nas experiências estéticas) vividas no desenrolar da vida e trazê-las para o encontro analítico.

A rejeição presente na escolha de um modo único de trabalhar analiticamente alimenta a eterna busca da plenitude narcísica, imaculada, contrária à incompletude real humana como a do casal parental internalizado, formado por pessoas diferentes, importante na realização da bissexualidade psíquica integrada.

A análise epistemológica enriquece a ontológica, como Ogden (2020) preconiza. Compreender os sentidos inconscientes relacionados ao conhecimento e à compreensão, ligados às relações dos objetos internos, pode caminhar com a descoberta dos sentidos de maneira criativa a fim de se tornar mais plenamente vivo, relacionado ao Ser e ao tornar-se.

A presença da interpretação na transferência é uma forma de melhor apreensão do paciente sobre si mesmo e não impede que, em outros momentos, pela reverie do analista quando no estado de ser e estar envolvido com o paciente, contribua para que o mesmo viva a experiência. No fragmento clínico apresentado, esse fato surgiu de forma intuitiva em minha mente: *não faz nada mais do que sua obrigação*. A intimidade propiciou destacar áreas de angústia, com observação diante dos pensamentos, sentimentos e experiências sensoriais, corporais que estavam inconscientes. Experiências de estar com o paciente em estado de devaneio, inconscientemente receptivo, imprimem a possibilidade de sonhar e este ser um ato psíquico em que o indivíduo se torna sujeito e

pode experimentar seu próprio ser. Dessa forma, torna-se mais presente e vivo para e com os próprios pensamentos.

Ogden (2020), ao discriminar as duas formas de presença com nosso analisando não as torna excludentes, mas participantes de uma mesma abordagem vivencial, sem rejeitar uma ou outra. No entanto, quando aponta que a mudança do enfoque na compreensão dos sonhos, para a experiência do sonhar, exige do analista uma presença viva, sendo ele mesmo, enfatiza que essa postura é mais necessária e importante do que a adoção de uma técnica.

A não aceitação das diferenças em qualquer área da vida concorre para a confirmação da rejeição humana à incompletude, dor narcísica nunca curada. É como se o conflito fosse sempre indesejável e não fonte de criação, ou como se a polissemia negasse que se faz a música de um composto de pausas que, consonantes e dissonantes, compõem a sonoridade que a diferença canta nos versos agora integrados de Gilberto Gil.

É a sua vida que quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia a dia.
(Gil, 1983)

Um trabalho analítico contém presença que, contextualizada no tempo e espaço, promove expansão, se não nos limitarmos a uma leitura parcial e reducionista do fenômeno da não aceitação das diferenças em uma mesma sessão.

A igualdade é transitória e a diferença é incerta. E isso não exclui a necessária igualdade, mesmo que transitória, bem como as diferenças irreconciliáveis.

A não-diferença quando cultivada, atesta o óbito da vida mental. E o contato com a dor contribui para a construção de um continente a fim de não sucumbir e de desenvolver um sentimento de gratidão quando não encapsulado pela inveja. E que, nessa segunda chance, a experiência analítica pode proporcionar contato psíquico com o objeto até então

fraturado, não mais “obstante”, nem “apesar” da diferença, mas a partir dela; a mente pode estar disponível para receber conteúdos até então impensáveis, precondição da tecitura do Ser psíquico para tornar-se.

Agradeço minha analisanda por me fazer reconhecer que podemos nos reinventar a cada encontro, na costura de uma linha própria, tecida no nosso dia a dia, para frequentarmos os bailes da vida.

La igualdad transitoria y la diferencia incierta

Resumen: ¡Viva la igualdad!, proclamamos con vigor, muchas veces basados en una moralidad aún sostenida por defensas maníacas de un discurso narcisista. Nuestra función, en la clínica, es promover resignificaciones y posibles elaboraciones que contribuyan a aliviar la psique de los absolutismos morales rígidos, cuando la diferencia, sentida como amenaza, encarcela la posibilidad de lo nuevo, de la creación y de la expansión de la mente. La no aceptación de las diferencias, en cualquier ámbito de la vida, refuerza la confirmación del rechazo humano a la incompletud, una herida narcisista nunca sanada, como si el conflicto fuera siempre indeseable y no una fuente de creación.

Palabras clave: igualdad, diferencia, moralismo, rechazo, incompletud

The transitory equality and the uncertain difference

Abstract: Long live equality, we proclaim with vigor, often rooted in a morality still upheld by manic defenses of a narcissistic discourse. Our role, in the clinical setting, is to promote resignifications and possible elaborations that help to relieve the psyche from rigid moral absolutisms, especially when difference, perceived as a threat, imprisons the possibility of novelty, creation, and the expansion of the mind. The non-acceptance of differences, in any area of life, contributes to reinforcing the human rejection of incompleteness — a narcissistic wound never healed — as if conflict were always undesirable rather than a source of creation.

Keywords: equality, difference, moralism, rejection, incompleteness

Referências

- Assis, M. de (1994). Um apólogo. In M. Assis, *Obra Completa* (Vol. 2). Nova Aguilar.
- Brum, E. (2014). Meus desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras. Leya.
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 225-270). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 274-326). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Gil, G. (1983). *A linha e o linho*. Gege Edições Musicais.
- Ogden, T. (2020) Psicanálise ontológica ou “O que você quer ser quando crescer”? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 23-46.
- Paim Filho, I. (2014). A guerra e o repúdio ao feminino: uma releitura da disposição feminina originária. In I. Paim Filho, *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte*. Movimento.
- Perrini, C. M. L. (2022). O feminino em nós, uma experiência interminável. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 56(1), 168-178.
- Winnicott, D. (2000). Preocupação materno primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (pp. 399-405). Imago. (Trabalho original publicado em 1959)
- Winnicott, D. W. (1975). A criatividade e suas origens. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. (J. De Aguiar Abreu e V. Nobre, Trad., pp. 95-120). Imago. (Trabalho original publicado em 1953)
- Levine, H. (2021) Sobre a necessidade da falha. Conferência proferida na SBPSP (Texto traduzido por Tânia Mara Zalberg com revisão de Célia Fix Korbivcher).
- Scarfone D. (2019) O feminino, o analista e o teórico infantil. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 53(2), 113-126.
- Stendhal (2021). *O vermelho e o negro* (T. P. de Andrade, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1830)
- Trachtenberg, R (2022). Caminhando contra o vento ou Edy e os desaparecidos de nossas odisséias. *Ide*, 44(74), 37-58.
- Zenith, R. (2022) *Pessoa: uma biografia* (P. M. Soares, Trad., 1ª ed.). Cia das Letras.

Cleuza Mara Lourenço Perrini
cleuzaperrini@gmail.com